

# Sexualidade e Relação de Gênero

## 2

Denise Pereira  
(Organizadora)



 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Denise Pereira  
(Organizadora)

# Sexualidade e Relações de Gênero 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S518 Sexualidade e relações de gênero 2 [recurso eletrônico] /  
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena  
Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 2)

Formato: PDF

Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-049-0

DOI 10.22533/at.ed.490191601

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Pereira, Denise.  
II. Título. III. Série.

CDD 306.7

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

DOI O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Cada vez mais a academia está avançando em pesquisas sobre Sexualidade e Relação de Gênero. No século XXI, a sexualidade é compreendida como algo fluído, que muda ao longo de toda uma vida, é pessoal/individual, cada um com a sua, não há certo ou errado, havendo possibilidades e é paradoxal, ou seja, é sempre diferente da sexualidade dos outros, sendo o traço mais íntimo do ser humano, manifestando-se diferentemente em cada indivíduo, de acordo com as novas realidades e as experiências vividas culturalmente.

E a relação de gênero refere-se às afinidades sociais de poder entre homens e mulheres, em que cada um tem seu papel social que é determinado pelas diferenças sexuais. Que segundo Scott, devemos compreender que “gênero” torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres.

O conceito de gênero que enfatizamos neste livro está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo, um movimento social organizado, usualmente remetido ao século XIX e que propõe a igualdade nas relações entre mulheres e homens através da mudança de valores, de atitudes e comportamentos humanos.

Neste livro são apresentadas várias abordagens sobre “Sexualidade e Relação de Gênero”, tais como: discussões de conceitos; modo de vida, violência, direitos, Lei Maria da Penha, homoparentalidade, emancipação feminina, transexuais, homossexuais, sexualidade infantil, sexualidade masculina, mulheres no cinema e no futebol, entre diversos outros assuntos.

Boa leitura  
Denise Pereira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>8</b>
SEXUALIDADES E GÊNEROS NA ESCOLA: DE QUAIS SENTIDOS SE APROPRIA A PRÁTICA PEDAGÓGICA?	
Denise da Silva Braga	
DOI 10.22533/at.ed.4901916011	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>18</b>
TORPEDO: UM MODELO DE RESISTÊNCIA LÉSBICA NA ESCOLA	
Maria da Conceição Carvalho Dantas	
Denise Bastos de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.4901916012	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
PERCEPÇÕES DE GRADUANDAS DE ENFERMAGEM SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER SOFRIDA NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO	
Michelle Araújo Moreira	
Thaís Borges Gally	
DOI 10.22533/at.ed.4901916013	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>43</b>
INCURSÕES E INTERDITOS SOBRE AS SEXUALIDADES, IDENTIDADES E AS QUESTÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA	
Karine Nascimento Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4901916014	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>58</b>
HOMOPARENTALIDADE: O QUE A ESCOLA TEM DITO?	
André Luiz dos Santos Barbosa	
Rejane Cristina Lages Rocha.	
DOI 10.22533/at.ed.4901916015	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>73</b>
CULTURA UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO DOCENTE: SITUANDO AS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	
Luciano Rodrigues dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4901916016	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>89</b>
ASSESSORIA TERRITORIAL DE GÊNERO: ENCONTROS TERRITORIAIS E ESTADUAL DE MULHERES RURAIS DOS COLEGIADOS DE PERNAMBUCO	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira	
Xenusa Pereira Nunes	
Victor Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4901916017	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>99</b>
A ESCOLA COMO EXPRESSÃO DA DIVERSIDADE: OBSERVANDO FRONTEIRAS ENTRE GÊNEROS, IDENTIDADES E ALTERIDADES.	
Pollyanna Rezende Campos	
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>107</b>
A SOLIDÃO DOS/AS DOCENTES HOMOSSEXUAIS: NARRATIVA E REFLEXÃO SOBRE O/A PROFESSOR/A HOMOSSEXUAL	
Isabella Marques de Oliveira; Denise Maria Botelho; Agilcélia Carvalho dos Santos.	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4901916019</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>116</b>
A SEXUALIDADE MASCULINA SOB A ÓTICA DAS ESCRITAS LATRINÁRIAS.	
José Edson da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>125</b>
CONSTRUÇÃO DO CORPO MASCULINO: RELAÇÕES COM AÇÕES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS	
Daniele Machado Pereira Rocha Maria Thereza Ávila Dantas Coelho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>133</b>
IDENTIDADE E IMAGENS DA MARCA RIO: UM ESTUDO SOBRE A INSERÇÃO DO “GAY FRIENDLY” NA IDENTIDADE DA MARCA RIO E SUA CONCRETIZAÇÃO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS MUNICIPAIS.	
Patrícia Cerqueira Reis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>142</b>
O MODO DE VIDA GAY COMO ESTETIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA	
José Nilton Conserva de Arruda Marianne Sousa Barbosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160113</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>155</b>
TRAJETÓRIAS DE GAYS NEGROS NA ESCOLA DA ZONA RURAL: PERSPECTIVAS INTERSECCIONAIS	
Marcos Andrade Alves dos Santos José Kasio Barbosa da Silva Renata Queiroz Maranhão Antônio Jefferson Teixeira Sousa Juliana Brito Cavalcante Assencio Daniele Gruska Benevides Prata	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160114</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>169</b>
UM ESPELHO CONTRA ESPELHO: A DISPOSIÇÃO INATA DA NATURA	
Jobson Rios dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160115</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>177</b>
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES MASTECTOMIZADAS SOBRE SEXUALIDADE	
Michelle Araújo Moreira Ana Beatriz Santana de Araújo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160116</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>189</b>
PERCEPÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA PARA OS JOVENS: REVISÃO SISTEMÁTICA	
Paula Orchiucci Miura Estefane Firmino de Oliveira Lima Maria Marques Marinho Peronico Pedrosa Ellen Borges Tenorio Galdino Kedma Augusto Martiniano Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160117</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>203</b>
LIDERANÇAS FEMININAS RURAIS: CONHECIMENTO E ACESSO A POLÍTICAS PÚBLICAS NO TERRITÓRIO DO AGRESTE MERIDIONAL DE PERNAMBUCO	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira Xenusa Pereira Nunes Victor Pereira de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160118</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>212</b>
MULHERES CINEASTAS, FEMINISMO NEGRO E OS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS: EXPERIÊNCIAS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Lucas Leal	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160119</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>230</b>
“VESTIDO NUEVO” – REFLETINDO SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO A PARTIR DE UM CURTA METRAGEM	
Sílvia Rita Magalhães de Olinda Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160120</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>240</b>
ESCANTEIO: MULHERES QUE TROCAM O ROSA CULTURAL PELO PRETO DA TRADIÇÃO - O CAMPO DA ARBITRAGEM EM FUTEBOL	
Ineildes Calheiro Eduardo David Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160121</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>256</b>
ESTRUTURA DA REPRESENTAÇÃO DA(S) TRANSEXUALIDADE(S) POR MULHERES (TRANSEXUAIS)	
Carle Porcino Jeane Freitas de Oliveira Maria Thereza Ávila Dantas Coelho Dejeane de Oliveira Silva Cleuma Sueli Santos Suto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.49019160122</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>266</b>
UMA APRECIÇÃO DO COMPORTAMENTO DE CONSUMO METROSSEXUAL EM SETORES DA ECONOMIA CRIATIVA	
Daniel Kamlot	
DOI 10.22533/at.ed.49019160123	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>277</b>
FAZER-SE RAINHA MIRIM NUMA FESTA DE CAMINHONEIROS: SOBRE (DES)PRATICAR NORMAS DE GÊNERO NUM CONCURSO DE BELEZA	
Marcos Ribeiro de Melo	
Michele de Freitas Faria de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160124	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>289</b>
GÊNERO E SEXUALIDADES: INVESTIGANDO A CONCEPÇÃO DE PSICÓLOGAS(OS)	
Rayane Ribas Martuchi	
Ticiane Paiva de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160125	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>302</b>
REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO DE GÊNERO NA PSICOLOGIA: UM CAMINHO A SE PERCORRER NA GRADUAÇÃO?	
Lara Araújo Roseira Cannone	
Raissa Lé Vilasboas Alves	
DOI 10.22533/at.ed.49019160126	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>310</b>

## “VESTIDO NUEVO” – REFLETINDO SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO A PARTIR DE UM CURTA METRAGEM

**Silvia Rita Magalhães de Olinda**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
(Campus1) – Salvador - Bahia

**Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes**

Universidade Federal da Bahia – UFBA e  
Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade  
Humana – SBRASH – Salvador - Bahia

**RESUMO:** Sexualidade e gênero são dimensões da vida que se manifestam a partir do nascimento e independente de qualquer ensinamento. Para compreender e contribuir com suas manifestações, a dinâmica entre família, escola e sociedade é evidentemente necessária. Contudo, estes segmentos nem sempre se encontram preparados para intervirem positivamente. Conscientes desta responsabilidade, como docentes universitárias, desencadeamos ações educativas de formação de profissionais de educação para atuarem na área em questão e em outras demandas sociais que ainda não se encontram curricularmente estabelecidas. A abordagem metodológica desta experiência integra um projeto maior do curso de Letras Vernáculas da UNEB – “Cine Letras” – que pretende ser um espaço cultural de interação, trocas e aprendizagem entre estudantes e professores de cursos de formação docente, estimular o desenvolvimento do senso crítico

dos estudantes, assim como instigar a reflexão sobre temas ligados à diversidade cultural, gênero e identidades, direitos humanos, culturas afro-brasileira e indígenas e outros da Pós-modernidade. Analisar características e manifestações da sexualidade e do gênero a partir do filme “Vestido Nuevo” revelou-se uma experiência ímpar que suscitou reflexões sobre a vivência individual e coletiva dos participantes, (re)construção de conceitos e de valores, bem como sobre os modelos de mulheres e de homens, historicamente elaborados, que ‘imprimem” marcas nem sempre favoráveis as construções das identidades dos sujeitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sexualidades; Gênero; Identidades; Práticas Pedagógicas.

**ABSTRACT:** Sexuality and gender are dimensions of life which manifest themselves from the day we are born, independently of any acquired knowledge. To be able to understand and contribute to its manifestations, the dynamic between family, school and society is evidently necessary. Nevertheless, these factors are not always properly prepared to interact positively. Being aware of this situation, as professors, we trigger educational actions to qualify professional educators to act in the aforementioned area and other social demands that are, as of yet, not established as curricular components.. The methodological approach of

this experience is part of a bigger project in the Portuguese Language and Literature Degree at UNEB - “Cine Letras - which intends to be a space for cultural interaction, exchange and learning between students and professors who educate lecturers, to encourage the development of critical sense in the students, as well as instigate reflection on themes such as cultural diversity, gender and identities, human rights, afro-brazilian and brazilian indigenous cultures among others Postmodern subjects: to analyze characteristics and manifestations of sexuality and gender in the short-movie “Vestido Nuevo” proved to be an unique experience, which provoked reflections on both individual and collective experiences of the participants, a (re)construction of concepts and values and on the historically elaborated model of men and women, which “imprint” traces, not always positive, on the identity construction process of individuals.

**KEYWORDS:** Sexuality; Gender; Identities; Pedagogical Practices.

## 1 | INTRODUÇÃO

Em meio a tantas aprendizagens processadas ao longo de nossas vidas, estão também as que se referem à sexualidade e ao gênero. A sexualidade é um atributo ou dimensão humana associada ao prazer, parte integrante e intercomunicante do indivíduo consigo mesmo e com o outro. É um processo intenso que se fundamenta no potencial biológico, nas relações sociais de gênero e na capacidade emocional das pessoas (FAGUNDES, 2005). Assim como a sexualidade, o gênero é uma dimensão humana, definida por Joan Scott (1991, p.14), como “[...] elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”. Concretiza-se a partir das identidades ou percepções subjetivas que um indivíduo tem sobre si mesmo, no caso das identidades de gênero, as percepções sobre si como mulher, como homem ou ambivalente (andrógino) que podem ou não coincidir com o sexo (fêmea ou macho) do nascimento. No contexto temos ainda as expressões de gênero que correspondem as manifestações externas dos traços culturais definidos por uma sociedade em de uma dada pelas quais se manifestam a feminilidade ou a masculinidade, ou ambas, ou nenhuma.

Sobre sexualidade e gênero, na atualidade, são muitas as nomenclaturas que se referem as suas configurações que precisam ser entendidas pelos educadores para serem trabalhadas na escola independente do nível de ensino ou componente curricular ao qual se vincula: cisgenero, heterossexual, homossexual, bissexual, transexual, gay, lésbica, cross-dressing e transgênero (transexuais, genderqueers, drag queens entre outros).

Diante deste quadro, escolhemos o curta metragem espanhol “Vestido Nuevo”, integrando o projeto “Cine Letras” do curso de Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Campus I). O curta metragem, produzido pela TV pública espanhola em 2007, narra a história de Mário, uma criança que usa na escola um

vestido rosa, da sua irmã, no dia da comemoração do Carnaval, vestimenta diferente da solicitada pela professora: uma fantasia do cachorro dalmata. No desenvolvimento do curta metragem percebe-se os conceitos consolidados e pré-estabelecidos na sociedade a respeito de sexo, gênero e identidade e o despreparo da professora e da escola para lidar com esse assunto. A reação da professora, da direção escolar e dos estudantes reflete a ausência de uma política de educação sexual para o convívio com as diferenças, que ajuda a sustentar a atitude homofóbica e alimentar o preconceito e a exclusão no espaço escolar.

Desconstruir esses conceitos, discutir as diferenças sociais, o respeito ao outro é condição essencial para a educação de crianças e jovens que devem tornar-se tolerantes, respeitosos, mais preparados para viver na sociedade atual, e certamente terão uma nova visão de sexualidade, gênero e das novas configurações afetivas.

## 2 | METODOLOGIA

A abordagem metodológica desta atividade, assim como do projeto, consistiu em: escolher o curta metragem “Vestido Nuevo”; apresentar ao grupo de estudantes que cursam as disciplinas Prática Pedagógica do curso de Letras Vernáculas da UNEB (Campus I); refletir sobre as marcas de gênero e sexualidade evidenciadas no curta metragem; construir e reconstruir conceitos e valores sobre identidades, papéis e estereótipos de gênero, manifestações da sexualidade na infância, preconceitos associados a gênero e sexualidade, homofobia, entre outros.

## 3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

O curta metragem “Vestido Nuevo” foi apresentado aos estudantes do curso de Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Campus I), integrando o projeto “Cine Letras” que tem por objetivo discutir filmes/curtas que abordem temas atuais e relevantes e possam contribuir para a formação dos estudantes, futuros professores da educação básica.

O filme começa com Mário, uma criança de aproximadamente nove anos, fazendo a leitura do seu texto “porque gosta do Carnaval”, tarefa solicitada aos estudantes, pela professora da turma. A professora havia solicitado a produção do texto e orientou os estudantes a comparecerem à escola no dia da comemoração do Carnaval sem o uniforme e levar na mochila a fantasia de cachorro dalmata, imposta para a turma de Mário. Sabemos que historicamente o Carnaval representa liberdade, alegria e irreverência e, estranhamente, esta escola determina a fantasia aos estudantes, cerceando a criatividade, padronizando a forma de manifestação das crianças.

Nas cenas a seguir temos Mário lendo a sua redação, apresentando as razões de gostar do Carnaval.



A fala de Mário nos textos “porque nos disfarçamos” e “nos vestimos como queremos” revelam a sua percepção e um desejo, que deveriam ser princípios defendidos pela escola: respeito à liberdade, estímulo à criatividade e liberdade de expressão.

O curta metragem suscitou, também, algumas reflexões importantes sobre a concepção da escola, a prática pedagógica da professora, referendada pela escola e revelou também conceitos, preconceitos, crenças e vozes consolidadas na sociedade vigente.

Vimos no curta metragem cenas de violência entre os estudantes, meninos que se agredem verbalmente, ressaltando negativamente as características mais salientes dos colegas, em uma atitude reveladora dos estereótipos consagrados e adquiridos na sociedade. Observemos nas imagens seguintes.



As crianças “diferentes” são taxadas, estigmatizadas e vítimas de violências verbais e também físicas, institucionalizando o *bullying* no espaço escolar.

Quanto à determinação da escola para que os estudantes se fantasiassem de cachorros dálmatas, inclusive usando as coleiras que receberam para completar a fantasia, depreendemos que a coleira representa no mundo animal controle e adestramento e, de certa forma, a escola, ao determinar a fantasia e oferecer coleira

aos estudantes, está reproduzindo e reforçando simbolicamente um comportamento de controle e submissão. Com esta atitude, a escola “adestra” as crianças, moldando seus comportamentos, impondo-lhes um único modo de pensar e, particularmente, de se expressar na festa.

No dia da comemoração todos os alunos chegam sem o uniforme, com suas roupas do cotidiano e a fantasia na mochila. Mário chegou com um vestido rosa da sua irmã e com suas unhas pintadas.

Na cena em que Mário entra na sala usando um vestido rosa de sua irmã, a turma reage, no primeiro momento, com silêncio estupefante, e um espanto generalizado toma conta da sala de aula.



O silêncio terrífico é uma reação natural dos estudantes que estão crescendo ouvindo de suas famílias e na comunidade, o padrão binário homem x mulher, as regras estabelecidas na sua cultura, reconhecidas como natural e normal.

O silêncio é quebrado quando a professora questiona a atitude de Mário, perguntando-lhe por que está vestido de menina. Mário não responde, e a fala da professora “Você está vestido como menina” estimula, inconscientemente, a agressão de alguns colegas que o atacam verbalmente, chamando-o de “Viadinho, viadinho”, “Boneca” e “Olha a menina”.



O grupo fica em pavorosa e a professora para controlar a turma convida Mário a acompanhá-la e sair da sala.

Compreendemos que a pergunta da professora aponta o despreparo da escola para lidar com o assunto, visto que ela não fez nenhuma intervenção na sala no sentido de corrigir os estudantes e amenizar o desconforto de Mário e, ao retirá-lo da sala, a professora, simbolicamente, reforça a ideia de anormalidade ali estabelecida.

O silêncio e a atitude dos estudantes exteriorizam a ideia pré-concebida sobre gêneros que se cristaliza em todos os níveis da sociedade, oriunda das construções hegemônicas sobre gênero e identidade (BUTTLER, 2003). Quando a escola não fala sobre o assunto, reforça os estereótipos, preconceitos e “autoriza” atitudes homofóbicas.

A professora perdeu a chance de abordar o assunto com leveza, orientar e exigir respeito dos colegas a Mário e falar das crenças e tabus estabelecidos na sociedade e da necessidade de desconstruir esses conceitos. A atitude da professora legitima o preconceito, o estereótipo de gênero que impõe a heterossexualidade como “natural”, universal e normal.

A professora levou o caso para o diretor da escola. O diálogo entre a professora e o diretor revela espanto, surpresa diante do comportamento “anormal” de Mário e mostra, mais uma vez, o estranhamento que a ação de Mário provocou na escola.

Do mesmo modo, o diretor ratifica essa “anormalidade” quando conversa com o pai de Mário. O diretor da escola, embora educado, não acolhe o pai e nem Mário, não aborda a situação de forma clara e profissional e desnuda a incompetência da escola na condução de questões de sexualidade, gênero e identidade. O diretor não sugere ao pai uma ajuda profissional para a família e não se coloca à disposição para compartilhar com a família o suporte profissional. Por outro lado, o pai sabia que Mário gostava de usar vestido da irmã, que tem poucos amigos, provavelmente por ser tímido, diferente dos colegas e dos padrões pré-estabelecidos.



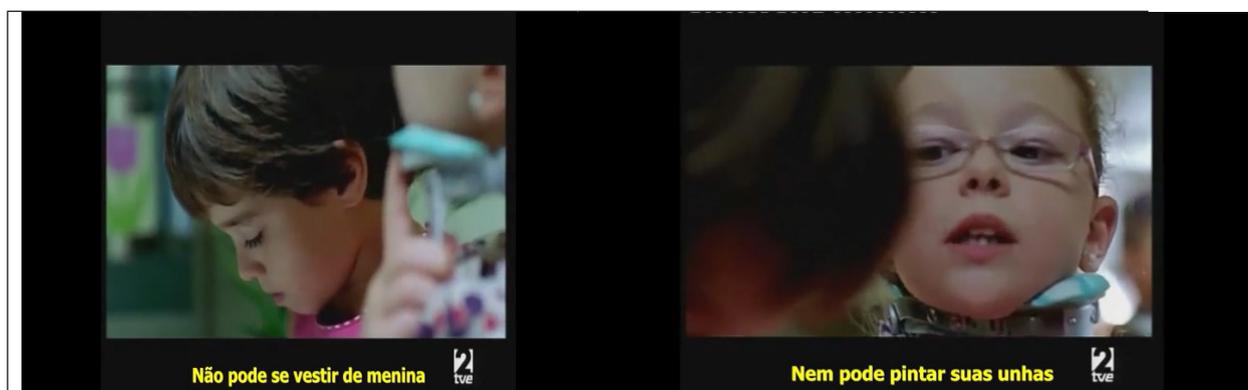
Enquanto o pai de Mário conversa com o diretor, registra-se uma cena importante do curta metragem. Mário e Santos sentados do lado de fora da sala aguardando o resultado da conversa da professora com o diretor e deste com o pai de Mario.

Santos é um estudante agressivo que ofendeu Mário com expressões

depreciativas e humilhantes. Nesta cena, o ângulo explorado no curta mostra Santos em um patamar superior que, simbolicamente, representa a posição ocupada pelo homem, heterossexual, em nossa sociedade. A atitude e a fala de Santos materializam os discursos homofóbicos contra meninos e homens que não se identificam com a heterossexualidade considerada natural na sociedade. Nesta cena, Santos observa Mário cabisbaixo mexer suas unhas pintadas.



Em outra cena importante do curta, vê-se Elenita, colega de Mário que usa um aparelho no pescoço devido a um problema na cervical, sai da sala para apoiar o amigo Mário. O apoio da garota suscita uma interpretação que os dois são minorias na sala e por isso mais próximos, cúmplices e se apoiam.



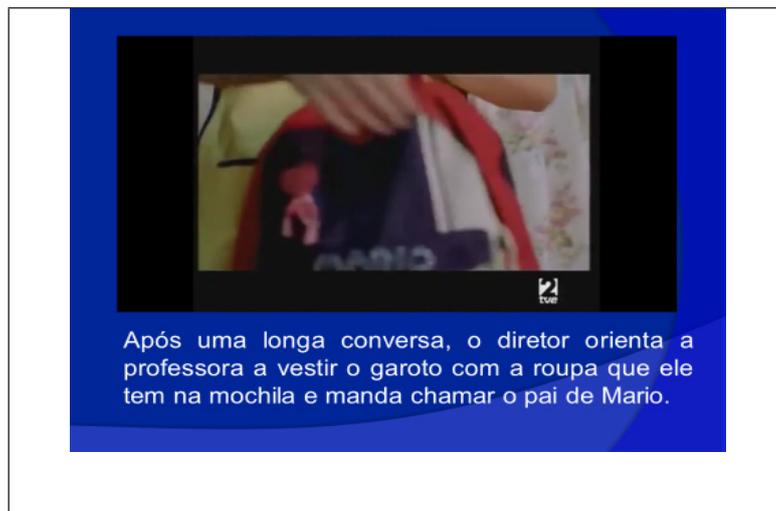
Do diálogo entre Elenita e Mário depreendemos que eles brincavam juntos fora da escola e Mário já havia pintado as unhas na casa dela. Na cena, Elenita censura o amigo por ter vindo para a escola com as unhas pintadas e diz que pintar unhas e vestir-se como mulher é "ilegal" e que a atitude dele é "anormal", que o coleguinha só pode pintar as unhas em local privado, como na casa dela, ou seja, longe dos olhares de outras pessoas, por ser uma prática apenas de meninas.

Esta fala de Elenita expressa conceitos enraizados, adquiridos culturalmente na família, frutos da cultura adquirida e compartilhada na sociedade. Vê-se, portanto, que Elenita aborda no curta a questão da sexualidade, a partir do discurso da escola e da cultura que eles estão inseridos.

Na sociedade, falar sobre sexualidade é enfrentar tabus, crenças e preconceitos.

A escola evita falar sobre sexualidade, embora os PCN (BRASIL, 1998) orientem a abordagem dos temas transversais, entre eles a “Orientação sexual”. Contudo, a escola, geralmente, trata do tema pelo viés biológico, reprodução e doenças transmissíveis, sem abordar o cerne da questão. Contraditoriamente, as crianças frequentemente estão expostas a publicidade, programas e novelas na TV que exploram cenas, comportamentos, músicas e danças que estimulam a sensualidade e o sexo de forma abusiva, inadequada, sem nenhum respeito e preocupação com a idade e maturidade das crianças.

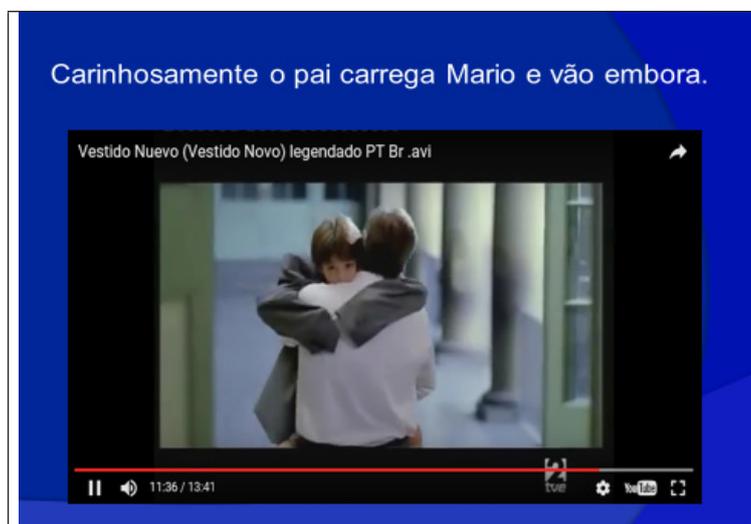
O diretor orienta a professora a trocar a roupa de Mário. Na mochila de Mário a professora encontra um chaveiro de uma menina vestida de rosa.



Este contexto nos leva a questionar: será que é a primeira vez que Mário materializa essa preferência na escola ou a professora nunca percebeu? A professora e a escola estão atentas e preparadas para a convivência com as diferenças?

Após o diálogo com o diretor, o pai sai da sala e vai conversar com Mario. A cena é singela e inesperada, o pai retira o paletó e cobre o filho.





O pai apoia e acolhe o filho com muito carinho. A professora, Elenita e Santos observam a cena com estranhamento, surpresa e choque. A reação e o espanto da professora, de Elenita e Santos são o reflexo da ausência de discussão do assunto na escola.

O apoio das mães e dos pais como educadoras/es da sexualidade fundamenta, de forma acentuada, a vivência da sexualidade de uma pessoa durante toda a sua existência e constitui, também, a matriz dos relacionamentos interpessoais que se refletirão com maior ou menor amplitude, em outros ambientes sociais, como a escola.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão propiciada pela apreciação do curta metragem evidencia o que também se revela em outras situações – o despreparo da instituição escolar para abordar e resolver questões sobre a vida com crianças que estão descobrindo seus corpos e sua sexualidade.

A sociedade impõe o que considera certo e natural, um modelo binário, que privilegia a heterossexualidade e a escola, ao longo da sua história, vem reproduzindo a cultura sexista da sociedade quando direciona quais as brincadeiras e os brinquedos que os meninos podem usar e quais são os mais adequados para as meninas, insinua que certas cores são do mundo masculino e outras do feminino, reforça a ideia de que existem carreiras com perfil para meninas, como enfermagem, pedagogia, assistente social, ou seja, ocorrem situações consideradas sexualizadas, preconceitos e processos de inclusão/exclusão se materializam por expressões mais ou menos veladas.

A escola é um importante espaço para informar, discutir e compreender sobre sexualidade, vínculos afetivos, experiências de iniciação sexual, virgindade, homossexualidade, homofobia e preconceitos, entre outros. No entanto, a escola evita abordar esses temas, ou apresenta pelo viés da prevenção de doenças. Além

dessa orientação, age moldando o comportamento das crianças, para formatar de acordo com a sua concepção social e cultural. Quanto à sexualidade, essa discussão é desvirtuada por professores e outros agentes de educação quando, ignorando a diversidade, impõem aos estudantes uma única maneira de existência: a do sujeito que se identifica com o gênero heterossexual.

A ausência de discussão clara e pedagógica permite os discursos homofóbicos e binários decorrentes de uma visão desatualizada e limitada, que ignora as descobertas científicas sobre as diferenças entre sexo biológico, gênero e identidade. Essas ideias pré-estabelecidas e cristalizadas têm passado de geração para geração, resultando em incentivo a opressões e violências na sociedade.

Trabalhar, simultaneamente, a problemática de gênero, da diversidade sexual e das relações étnico-raciais, ou seja, abordar em conjunto a misoginia, a homofobia e o racismo não é apenas uma proposta absolutamente ousada, mas oportuna e necessária. A formação docente precisa explorar “novas subjetividades” e alinhar o conhecimento adquirido com uma visão que integre as questões contemporâneas e avance no entendimento dos problemas educacionais.

Partindo da perspectiva dos estudos culturais, o currículo, na escola, tem como objetivo não somente assegurar a apreensão do conhecimento formal, mas, também, construir sentidos, atitudes e valores sociais e culturais. Como gênero e sexualidade são construções sociais historicamente elaboradas, entendemos que é papel da escola promover a discussão e conhecimento para evitar preconceitos e distorções e oportunizar uma vivência saudável da sexualidade e do gênero.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998. p.17-41 e 285-335 (Orientação Sexual). Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>. Acessado em 19/06/2017.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. Sexualidade e gênero uma abordagem conceitual. In: FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho (org.). **Ensaio sobre Educação, Sexualidade e Gênero**. Salvador: Helvécia, 2005. p. 9-20.

PEREZ, Sergio. **Vestido Nuevo**. Madrid: Escandalo Films. 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **SOS Corpo**. Recife: 1991.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-049-0



9 788572 470490